

Lição 11: Como uma causa que não é simultânea ao seu efeito pode ser tomada como termo médio na demonstração

“b1. Temos também que investigar— b12. O seguinte deve bastar— b23. ou, visto que, como dissemos,— b25. O mesmo é verdadeiro— b31. E no mundo dos fatos

Após colocar a questão sobre se, nas coisas que não se tornam simultaneamente, o subsequente segundo a continuidade temporal segue o anterior, e após interpor algo necessário, a saber, que não se pode silogizar a partir do que é anterior em direção ao que é posterior, o Filósofo agora se propõe a resolver a questão que levantou. Sobre isso ele faz duas coisas. Primeiro, mostra como o vir-a-ser e o ter-vindo-a-ser se relacionam segundo a continuidade do tempo. Em segundo lugar, prova sua proposição (95b12).

Diz, portanto, primeiro (95b1) que, para provar a proposição, é necessário investigar o que une ou forma uma continuidade entre um "ter-vindo-a-ser" e um "vir-a-ser", de modo que um possa seguir o outro sem interrupção.

A respeito disso, ele diz em primeiro lugar que é óbvio que um "vir-a-ser" não é *adjacente*, isto é, não é consecutivo a um "ter-vindo-a-ser". (Dizem-se consecutivas aquelas coisas que não possuem nenhum membro de seu gênero entre elas; por exemplo, dois soldados em uma fileira ou dois clérigos em seus assentos no coro. *Adjacente*, porém, acrescenta a noção de contato àquilo que é consequente, como é afirmado na *Física V*). Assim, portanto, ele está dizendo que um "vir-a-ser" não pode ser consecutivo ou contíguo a um "ter-vindo-a-ser".

Em seguida, prova isso, porque nem mesmo um "ter-vindo-a-ser" é contíguo no sentido de consecutivo a qualquer outro "ter-vindo-a-ser": pois duas ocorrências de "ter-vindo-a-ser" se

relacionam como se relacionam dois limites indivisíveis do tempo, ou como dois pontos em uma linha. Portanto, assim como dois pontos não são consecutivos entre si, também duas ocorrências de "ter-vindo-a-ser" não o são: pois os pontos e as ocorrências de "ter-vindo-a-ser" existem como indivisíveis, e tais coisas não são consecutivas em seus contínuos, como é provado na *Física* VI. E, visto que duas ocorrências de "ter-vindo-a-ser" não são consecutivas, é evidente, portanto, que um "vir-a-ser" e um "ter-vindo-a-ser" não são consecutivos. Pois um "vir-a-ser" é algo divisível, assim como um "estar em movimento" o é; mas um "ter-vindo-a-ser" é algo indivisível, assim como um ponto o é. Portanto, assim como a linha está para o ponto, o "vir-a-ser" está para o "ter-vindo-a-ser". Pois há uma infinidade de "ter-vindo-a-seres", assim como há potencialmente uma infinidade de pontos em uma linha. E esta é a causa pela qual é impossível tomar dois pontos consecutivos em uma linha, a saber, porque entre quaisquer dois pontos há ainda outro ponto a ser tomado; da mesma forma, entre quaisquer dois "ter-vindo-a-seres" há outro a ser tomado. Portanto, dois "ter-vindo-a-seres" não são consecutivos.

Além disso, porque um "ter-vindo-a-ser" é o termo de um "vir-a-ser", segue-se que nem mesmo um "vir-a-ser" é consecutivo a um "ter-vindo-a-ser"; caso contrário, dois "ter-vindo-a-seres" seriam consecutivos. Pelo contrário, um "vir-a-ser" é terminado imediatamente em um "ter-vindo-a-ser", assim como uma linha é terminada em um ponto. Esta matéria é tratada mais longamente na análise do movimento, isto é, na *Física* VI.

Então (95b12) ele mostra, à luz do que foi dito, como o efeito pode ser tomado como sendo imediato ou mediato em relação à causa nos casos em que não são simultâneos. Primeiro, prova sua proposição. Em segundo lugar, elucida-a com exemplos (95b31). Sobre o primeiro ele faz duas coisas. Primeiro, mostra sua proposição em relação ao passado. Em segundo lugar, em relação às coisas futuras (95b25). Sobre o primeiro ele faz duas coisas. Primeiro, mostra sua proposição. Em segundo lugar, exclui uma objeção (95b23).

Diz, portanto, primeiro (95b12) que, a partir do que foi estabelecido, é possível coligir como uma causa que é tomada como termo médio na demonstração pode ser consecutiva àquilo que está em processo de tornar-se ou de ser gerado: porque mesmo nessas demonstrações que silogizam sobre coisas que estão em um "vir-a-ser", é necessário admitir um termo médio e um primeiro que sejam imediatos, como quando concluímos que A veio a ser porque C veio a ser, contanto, a saber, que C tenha vindo a ser subsequentemente e A anteriormente. Por exemplo, se disséssemos: "Ele foi curado; portanto, tomou o remédio": pois o silogismo não se seguiria se começássemos com o que é anterior, como estabelecemos acima; mas C é tomado como princípio, embora seja posterior no vir-a-ser, devido ao fato de estar mais próximo do *agora* presente do que A.

Mas o *agora* presente é um princípio do tempo porque, segundo ele, o passado e o futuro são distinguidos; portanto, é necessário tomar o *agora* presente como o princípio para tornar conhecida a sucessão do tempo. Pois no âmbito do passado, algo é mais subsequente no devir, futuro. Portanto, assim como C é tomado como princípio do silogizar, por ser mais subsequente no vir a ser do que A e mais próximo do *agora* presente, podemos tomar D como mais próximo do *agora* presente do que C, e concluir que, se D veio a ser, C veio a ser anteriormente: por exemplo, se ele realiza as tarefas de um homem saudável, então, antes disso, ele foi curado.

Portanto, podemos concluir que, se D aconteceu, é necessário que A tenha acontecido anteriormente; e tomamos como causa aquilo que esteve no meio, ou seja, C. Pois, tendo D vindo a ser, é necessário que C tenha vindo a ser anteriormente; e, tendo C vindo a ser, é necessário que A tenha vindo a ser anteriormente. Logo, tendo D vindo a ser, é necessário que A tenha vindo a ser anteriormente. Por exemplo, se esta pessoa agora realiza as tarefas de um homem saudável, segue-se que anteriormente ela foi curada; e se foi curada, é necessário que anteriormente tenha tomado o remédio. Portanto, tomando sempre um meio dessa maneira, por exemplo, algo mais entre C e A, assim como C foi tomado como meio entre D e A, chegar-se-á a um ponto em algo imediato.

Em seguida (95b23), ele apresenta uma objeção. Pois alguém pode dizer que nunca se alcançará algo imediato, mas será sempre necessário tomar algo entre dois "tendo vindo a ser", sob o fundamento de que em todo caso de vir a ser há uma infinitude de "tendo vindo a ser", já que um "tendo vindo a ser" não é consecutivo a outro, como foi dito. Mas ele exclui essa objeção porque, embora haja uma infinitude de "tendo vindo a ser" em um único caso de vir a ser, no entanto é necessário começar a partir de algum meio, isto é, a partir de um *agora* como algo primeiro: pois foi estabelecido que aquilo que é subsequente é um princípio do silogizar. Mas em relação a todas as coisas que vieram a ser no passado, a mais recente é o *agora* presente; portanto, é necessário tomar o *agora* presente como o primeiro e imediato princípio. Contudo, qualquer outro "tendo vindo a ser" é tomado como um princípio mediato.

Então (95b25), ele mostra o mesmo para as coisas futuras, dizendo que, assim como foi o caso naquilo que veio a ser, assim também é naquilo que virá a ser: porque, se é verdade que D será, é necessário que anteriormente seja verificado que A existe; e a causa disso será tomada como sendo C, que cai como meio entre D e A. Pois, se C será, é necessário que antes dele A seja.

Neste caso também, pode-se levantar a objeção sobre a divisão infinita do futuro em instantes, ou do movimento em momentos: porque, assim como no caso das coisas passadas, também nas coisas futuras, os indivisíveis não são consecutivos. No entanto, também aqui, algo deve ser tomado como um princípio imediato, como foi feito nas coisas que vieram a ser no passado. Pois, embora não se possa tomar dois "tendo vindo a ser" consecutivos, seja no passado ou no futuro, no entanto, algo terminal pode ser tão mais próximo do agora presente; mas o contrário é verdadeiro em relação ao tomado em ambos, e isso será tomado como o princípio imediato.

Em seguida (95b31), ele elucida o que havia dito com exemplos, dizendo que o modo de argumentar empregado acima pode ser considerado em relação às obras humanas. Assim, tomemos o "tendo vindo a ser" de uma casa como algo terminal; a partir disso, conclui-se, como algo primeiro, que é necessário que as pedras tenham sido cortadas anteriormente; e tomaremos como meio a colocação da fundação: porque, se a casa foi construída, é necessário que anteriormente a fundação tenha sido colocada; e, se a fundação foi colocada, é necessário que primeiro as pedras tenham sido cortadas. E o que foi tomado em relação ao passado deve também ser tomado em relação ao futuro: por exemplo, se uma casa existirá, é necessário que primeiro ocorra o corte das pedras, e que isso seja demonstrado por meio de algum meio, que é a colocação da fundação.